

ENSINO E HISTÓRIA: “NOVAS AULAS, NOVO APRENDIZADO”.

Martinho Guedes dos Santos Neto.¹

Muito se tem discutido sobre o ensino de História, sua metodologia e a exposição dos conteúdos próprios da ciência histórica. Tal discussão tem se caracterizado pela ênfase em duas questões fundamentais: o rompimento com o ensino pragmático por meio de programas² e a mudança da metodologia de ensino em sala de aula com vistas a formação de um cidadão crítico capaz de interferir conscientemente no meio em que está inserido.

Sendo assim, formação do cidadão deve estar pautada na perspectiva de um homem holístico que compreenda seu meio e as transformações sociais existente na sociedade em que se encontra. Sem esta finalidade o ensino, mesmo com o discurso, da qualidade total da educação será superficial e sem grandes contribuições.³

Preliminarmente, com as questões acima levantadas, experiências com uma nova maneira de ensinar História tem trazido resultados significativos, desenvolvidos em uma escola de ensino fundamental da rede pública do município de Cabedelo, PB.

A referida escola participa de um projeto desenvolvido pela ONG Ed-Todos de João Pessoa-PB, cuja proposta do projeto é capacitar professores para o desenvolvimento de estratégias inclusivas em sala de aula.

Paralelo a esse projeto, por iniciativa da professora de História da 6ª série do ensino fundamental em conjunto com um dos membros da equipe do projeto, graduando em História, se começou a desenvolver em sala de aula uma nova forma de se ensinar História, adaptando a proposta pedagógica existente com novos objetivos e um novo direcionamento ao conteúdo ensinado naquela série.

Tal direcionamento procurou priorizar aqueles conteúdos que pudesse despertar o interesse dos alunos ou ainda correlacioná-los com o presente, o meio e o lugar social, de forma que todos fossem levados a construção e interpretação do conhecimento histórico.

A preocupação inicial foi a de aproximar o máximo possível a realidade dos alunos aos assuntos próprios da História, sem perder de vista os objetivos gerais da disciplina para que esta pudesse responder ao seu propósito educativo, possibilitando uma maior interação dos alunos e do professor na exposição dos conteúdos que aos poucos foram sendo adaptados.

AS NOVAS AULAS

A elaboração de uma nova metodologia de ensino que estivesse de acordo com a proposta pedagógica da escola foi construída a partir de uma intensa observação da sala de aula na qual nos propusemos a desenvolver “um novo ensino de História”.

Está em contato com os alunos, descobrindo seu dia-a-dia; suas preferências e, sobretudo, seu meio social trouxe para o planejamento das aulas um contexto até então desconhecido pelo professor. O mapeamento da sala de aula, as particularidades de cada aluno e a diversidade proporcionou um planejamento flexível e compatível com o conjunto discente da 6ª série.

Não tivemos como fazer uso de uma metodologia pronta e acabada, sendo que o desenvolvimento e o planejamento das aulas se fundamentou muito mais na prática do que na teoria, sendo construído gradativamente.

Na coleta de dados a pergunta para o levantamento das informações, colhidas informalmente em sala de aula ou nos momentos de intervalos, no universo de 35 alunos matriculados na 6ª série do ensino fundamental, procurou descobrir quais os assuntos do cotidiano que despertavam maior curiosidade e interesse para ser abordado em sala de aula.

Alguns temas emergiram surpreendentemente servindo de norteadores para as futuras aulas:

Temas emergentes	Total de alunos
Cidadania	08
Exploração	05
Política	05
Discriminação	04
Ricos - Pobres	03
Direitos do homem	10

Com esses dados o livro didático, definitivamente, tornou-se um norteador dos conteúdos, a utilização dos temas transversais, até então relegados a mera consulta tiveram que ser estudados a fundo e pensados a partir dos dados.

Fez-se necessário repensar o ensino e adequá-lo não mais ao cumprimento de um currículo ou plano de curso pré-estabelecido, sobretudo, coube fazer do ensino de História algo que atendesse aos anseios dos alunos dando margem a uma dinamização e flexibilidade de conteúdos. Orientados por duas diretrizes:

- *Posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente:*
- *Não tratar os valores apenas como conceitos ideais.*⁴

O ensino, assim, passou a ser pensado de forma a atender o perfil desenhado pelos alunos. As aulas sofreram um redirecionamento, no sentido de que o professor não mais é absoluto na sala de aula, ao contrário, busca construir e problematizar a partir da aproximação dos conteúdos da História com a realidade de seu alunado.

Uma aula veste uma nova roupagem, tornando-se dinâmica e atrativa para os seus expectadores, doando a oportunidade de participação ativa e construção dos conceitos propostos pelo professor.

Por exemplo, entre os temas emergentes “os direitos do homem” foram à resposta mais freqüente entre os 35 alunos da 6ª série. Diante do interesse, a professora planejou uma aula onde todos os alunos tiveram a oportunidade de fazer suas perguntas e esclarecer suas dúvidas sobre quais os direitos que eles, enquanto cidadãos, têm em uma sociedade.

No início da aula os alunos foram instigados a responder sobre quais direitos eles achavam que tinham e, a partir de então as discussões estiveram voltadas para a questão do homem enquanto cidadão, membro de um grupo, partido ou religião. Quanto ao conteúdo da disciplina História, a professora iniciou a discussão tendo como ponto de partida “A proclamação da república”.

Como a república brasileira foi proclamada? Qual a participação do povo? Por que o povo teria direito a participar da proclamação da república? Será que os brasileiros lutam por seus direitos? Essas eram algumas das perguntas utilizadas pela professora para discutir os direitos do homem tendo como ponto de partida um acontecimento histórico.

No decorrer das discussões os alunos obtiveram um conhecimento significativo a respeito da proclamação da república, compreendendo os bastidores daquele momento político, as manifestações sociais e conheceram, por meio de exemplos em sala, quais os direitos de cada cidadão em uma sociedade igualitária, refletido na confecção de cartazes e depoimentos sobre o seu novo entendimento acerca dos direitos do homem.

Os resultados também puderam ser percebidos na avaliação (prova), as respostas começavam a despontar para um novo estilo, no geral, caracterizavam-se como discursivas e sem a pretensão de finalizar a discussão.

AS FACES DO NOVO APRENDIZADO

A experiência relatada acima trouxe novos elementos que colocam em questão o ensino de História no que diz respeito ao ensino como apenas cumpridor de um plano de curso, sem levar em consideração a diversidade da sala de aula ou a flexibilidade do currículo para as questões atuais e cotidianas que fazem parte do universo juvenil.

O cotidiano tem revelado que para o aluno estudar História é extremamente chato quando se tem que aprender e discutir algo que aconteceu há muito tempo, isso porque na maioria das vezes não é de seu interesse, não faz parte do seu meio e não lhe é fornecido subsídios para aproximar esse passado do presente.

Neste sentido é primordial que as aulas de História tenham a aproximação com o presente;

*“No sentido de contribuir para que os alunos compreendam a realidade atual em perspectiva histórica, é significativo o desenvolvimento de atividades nas quais possam questionar o presente, identificar questões internas às organizações sociais e suas relações em diferentes esferas da vida em sociedade, identificar as relações entre o presente e o passado, discernindo semelhanças e diferenças, permanência e transformações no tempo”.*⁵

Partindo desse princípio, o ensino de história terá muito a contribuir para a formação de um cidadão participativo, capaz de se colocar como agente transformador do meio, tendo como referência o passado ou correlacionando o presente com este passado que faz parte da sua história. Mas porque se insiste em que o ensino de história deva procurar contribuir para a formação de um cidadão participativo?

Freqüentemente é o que escutamos quando ouvimos os professores de História. A resposta é simples, “a História é uma das disciplinas que mais recebe influências externas ao meio acadêmico, vinda de diversos lugares, da televisão, dos jornais, da igreja, da família, dos partidos políticos, do cinema”.⁶ Por isso, ficar alheio a essas influências significa dar ao ensino de história apenas uma face do aprendizado adquirido pelo aluno.

Ao contrário, um ensino participativo, construtivo e dinâmico, como o proposto na experiência acima terá como frutos o dinamismo de uma sala de aula em que alunos e professor multiplicam as possibilidades de adquirir ou aperfeiçoar conhecimentos. Aqui, a troca de experiências e o respeito aos interesses particulares favorecem o aprendizado múltiplo sem que o Livro didático seja o verdadeiro professor na sala de aula.

Eis a outra face do ensino de história, narrativa sem problematizarão e metódica contribui somente para que da disciplina de História seja povoada por intermináveis listas de exercício com perguntas e respostas diretas assentadas nas propostas do livro didático que pode ter uma abordagem social, econômica ou cronológica sem abertura para novas abordagens ou questionamentos.

E aqui fundamentalmente o professor tem um grande papel, perceber as transformações do meio e agir no imediato, no imprevisto de forma consciente com vistas a proporcionar um ensino de qualidade.⁷ É do professor a responsabilidade deste ensino de qualidade e não do livro didático.

Com a afirmação acima muitos podem perguntar: onde encontrar “tempo” para a efetivação e prática de novas atividades em sala de aula?

Não pretendo dar receitas, mas, uma experiência como a da escola, descrita acima, não exigiu do professor mais que um planejamento disciplinado acompanhado de leituras que facilmente puderam ser feitas no momento do mesmo. Entretanto, é perfeitamente entendível que para um professor, o mínimo de estudo seja para preparar uma aula ou adquirir novos conhecimentos é quase que uma obrigação que pode e deve ser enriquecido com leituras que favoreçam a efetivação de novas aulas de História.

-
- ¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História, UFPB.
Membro diretor da ONG Ed – Todos (Educação Para Todos), Pessoa, PB.
- ² NEVES, Joana, **O ensino de Temático de História**. UFPB. João Pessoa, 1999. (mimeo).
- ³ GENTILI, Pablo A. A. e SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo, qualidade total e Educação: visões críticas**. Petrópolis – RJ. Ed, Vozes. 5ªed. 1997.
- ⁴ Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos. **Temas Transversais**. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ⁵ Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: **História**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ⁶ ZARTH, Paulo Afonso. **Ensino de História, participação da comunidade e cultura histórica**. In: Saeculum – Revista de história. UFPB, João Pessoa-Pb. Nº 6/7 – Jan. /Dez. 2000/2001.
- ⁷ PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Ed. Artmed. 2ª edição. Porto Alegre, 2001.